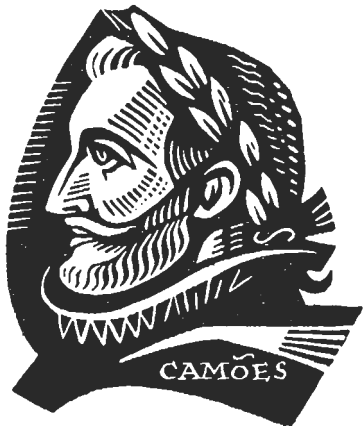


SELO E TEXTOS

DOS BILHETES POSTAIS DA COLECÇÃO

« CONHEÇA A SUA POESIA »



CANTIGA DE AMOR

Ai eu coitada!
Como vivo en gran cuidado,
por meu amigo
que hei alongado!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ai eu coitada!
Como vivo en gran desejo
por meu amigo
que tarda e non vejo!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

EL-REI D. SANCHO I

(Séc. XII)

CANTIGA DE AMOR

— **Ai**, flores, ai flores do verde piño,
se sabedes novas do meu amigo?

Ai, Deus, e u é?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?

Ai, Deus, e u é?

... — Vós me preguntades polo voss' amigo?
E eu ben vos digo que é sã'e vivo.

— Ai, Deus, e u é?

... — E eu ben vos digo que é viv'e sano
e será vosc' ant'o prazo passado.

— Ai, Deus, e u é?

EL-REI D. DINIS

(Séc. XIII)

e u é? = e onde está?

ALVORADA

Levantou-se a velida,
levantou-s'alva,
e vai lavar camisas
 en o alto:
vai-las lavar alva.

... O vento lhas desvia,
levantou-s'alva,
meteu-s'alva en ira
 en o alto:
vai-las lavar alva.

EL-REI D. DINIS

(Séc. XIII)

velida=formosa

BAILADA

Bailemos agora, por Deus, ai velidas,
 so aquestas avelaneiras frolidas,
 e quen fôr velida como nós, velidas,
 se amigo amar,
 so aquestas avelaneiras frolidas
 verrá bailar.

Bailemos agora, por Deus, ai loadas,
 so aquestas avelaneiras granadas,
 e quen fôr loada como nós, loadas,
 se amigo amar,
 so aquestas avelaneiras granadas
 verrá bailar.

JOAN ZORRO

(Séc. XIII)

velidas=formosas

loadas=louçadas

so=sob

verrá=virá

CANTIGA

... **M**ia ventura
en loucura
me meteu de vos amar;
é loucura
que me dura,
que me non poss'eu quitar,
ai fremosura sem par!

Leonoreta,
fin roseta,
bela sôbre toda fror,
fin roseta,
non me meta
en tal coita voss'amor!

JOÃO DE LOBEIRA
(Séc. XIII)

DA «NAU CATRINETA»

- ... — Sobe, sobe, marujinho,
 àquele mastro real!
 Vê se vês terras de Espanha,
 areias de Portugal!
- Alvissaras, capitão,
 meu capitão general!
- ... — Que queres tu, meu gageiro,
 que alvissaras te hei-de dar?
- ... — Capitão, quero a tua alma
 para comigo a levar.
- Renego de ti, demónio,
 que me estavas a atentar!
 A minha alma é só de Deus,
 O corpo, da água do mar.

ANÓNIMO

QUADRAS POPULARES

A boca do meu amor
é uma rosa fechada;
hei-de abri-la com beijinhos,
depois de abri-la, cheirá-la.

Aqui tens meu coração,
se quiseres matá-lo podes:
olha que estás dentro dêle
e, se o matas, também morres.

Chamaste-me tua vida,
eu tua alma quero ser:
a vida acaba co'a morte,
a alma não pode morrer.

CANTIGA MODERNA
AO JEITO ANTIGO

A minha saia de paninho fino
não ma deu cunhado nem primo,
ora que ma deu o meu lindo amigo.

A minha saia de pano delgado
não ma deu primo nem cunhado,
ora que ma deu o meu lindo amado.

ANÓNIMO

[O LAVRADOR E O CLIMA]

— De que te queixas, vilão?
— De Deus, que é coisa provada
Que me tem grande tenção.
... Vêde vós? Eu, padre, digo
Que tempere a invernada
E leixe criar o trigo.
Mas êle, de tençoeiro,
Sem ganhar nisso ceitil,
Vai dar chuvas em Janeiro
E geadas em Abril
E calmas em Fevereiro
E névoas no mês de Maio
E meado Julho, pedra!

GIL VICENTE

(Séc. XVI)

Da Romagem de agravados

[O SERAFIM E O PASTOR]

Pastor—... anjo de Deus,
Quando partistes dos céus
Que ficava êle fazendo?

Serafim—Ficava vendo o seu gado.

Past.—Santa Maria! Gado há lá?
Oh! Jesu! Como o terá,
O Senhor, gordo e guardado!
E há lá boas ladeiras
Como na Serra d'Estrêla?

Ser.—Sim.

Past.—... E a Virgem que faz ela?

Ser.—A Virgem olha as cordeiras
E as cordeiras a ela.

GIL VICENTE

(Séc. xvi)

Do *Auto da Feira*

DA ÉCLOGA «CRISFAL»

Quem pudera suspeitar
 que no amor e na fé
 me havieis de faltar!
 Mas, pôsto isto assim é,
 Tudo é para cuidar.

Pois, por mais mal que se guarde,
 sempre será meu amor.
 como a sombra, emquanto eu fôr:
 quanto vai sendo mais tarde
 tanto vai sendo maior.

CRISTÓVÃO FALCÃO

(Séc. XVI)

ROMANCE

Ao longo de uma ribeira
que vai polo pé da serra,
onde me a mim fêz a guerra
muito tempo o grande amor,
me levou a minha dor . . .
. . . Nisto pôs-se o Sol no ar
e fêz-se noite escura
e disse mal à ventura
e à vida, que não morri.
E, muito longe de ali,
ouvi de um alto outeiro
chamar: Bernardim Ribeiro!
e dizer: olha onde estás.
Olhei diante e detraz
e vi tudo escuridão . . .

BERNARDIM RIBEIRO

(Séc. XVI)

DA «CARTA
AO SENHOR DE BASTO»

Não me temo de Castela,
 Donde guerra inda não soa,
 Mas temo-me de Lisboa,
 Que ao cheiro desta canela
 O Reino se despovoa.
 . . . Nossos maiores se alguém
 Louvavam, não de senhor,
 Não de rico era o louvor,
 Chamavam-lhe homem de bem
 E ainda bom lavrador.

SA DE MIRANDA

(Séc. xvi)

PERO COELHO
A INÊS DE CASTRO

O que el-rei em ti faz, faz com justiça ..
 Nós o trazemos cá, não com tenção
 De sermos em ti crus, mas de salvarmos
 Este Reino, que pede esta tua morte.
 Nós, que a teu parecer mal te matamos,
 Não viveremos muito: lá nos tens,
 Antes de muito tempo, ante êsse trono
 Do grã Juiz, onde daremos conta
 Do mal que te fazemos. ¿ Não ouviste
 Já das Romãs e Gregas com que esforço
 Morreram muitas só por glória sua?
 Morre, pois, Castro, morre de vontade ..

ANTÓNIO FERREIRA

(Séc. XVI)

De *A Castro*

VILANCETE

Perdigão perdeu a pena,
Não há mal que lhe não venha.

Perdigão, que o pensamento
Subiu a um alto lugar,
Perde a pena de voar
Ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
Asas com que se sustenha:
Não há mal que lhe não venha.

Quis voar a uma alta tôrre
Mas achou-se desásado,
E, vendo-se depenado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se socorre
Lança no fogo mais lenha:
Não há mal que lhe não venha.

LUIS DE CAMÕES

(Séc. xvi)

[ADEUS AOS MARINHEIROS
EM «OS LUSÍADAS»]

Qual vai dizendo: «Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas mísera e mesquinha,
Porque de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?»

Qual em cabelo: «Ó doce e amado espôso
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque ís aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?»

LUIS DE CAMÕES

(Séc. XVI)

AO DESCONCÊNTO
DO MUNDO

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E, para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
O bem, tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que só para mim
Anda o mundo concertado.

LUIS DE CAMÕES

(Séc. XVI)

[D. SEBASTIÃO E LUSITANIA]

... Aquêlê que com lágrimas pediste
Quando tão duramente a tenra vida
Do príncipe seu pai cortada viste,
Agora nesta sua despedida
De lágrimas te quis deixar herdeira
Ou inda a pior mal oferecida.
Dia cheio de dor, cheio de espanto!
... Morrestes, cavaleiros esforçados,
Daquela multidão de bruta gente
Vencidos não, mas de vencer, cansados!

DIOGO BERNARDES

(Séc. XVI)

Das Várias Rimas

[NÓS E OS ESTRANGEIROS]

Ouvi qualquer estrangeiro
Falar de seus naturais:
Dá dêles tão bons sinais
Que o não tem por verdadeiro.

Falemos de um natural:
Dizeis faltas que não tem.
Mente o outro para bem,
Nós mentimos para mal.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

(Séc. xvii)

Das Êclogas

SONETO

Meu ser evaporei na lida insana
 Do tropel de paixões que me arrastava.
 Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
 Em mim quási imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
 Existência falaz me não dourava!
 Mas eis sucumbe natureza escrava
 Ao mal que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos,
 Esta alma, que sedenta em si não coube,
 No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus! Quando a morte a luz me roube,
 Ganhe um momento o que perderam anos:
 Saiba morrer o que viver não soube!

BOCAGE

(Séc. XVIII)

SAUDADES

Leva êste ramo, Pepita,
De saudades portuguesas;
É flor nossa, e tão bonita
Não na há noutras devesas.

... É tem um dote esta flor
Que de outra igual se não diz:
Não perde viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Só tem um cruel senão
Que te não devo esconder:
Plantada no coração
Tôda outra flor faz morrer.

Não, Pepita, não ta dou...
Fiz mal em dar-te essa flor,
Que eu sei o que me custou
Tratá-la com tanto amor.

ALMEIDA-GARRETT

(Séc. XIX)

DO «LIVRO DE AMOR»

... **O**h! Como te eu aspiro
 Na ventania agreste!
 Oh! Como te eu admiro
 Nas solidões do mar
 Quando o azul celeste
 Descansa nessas águas
 Como nas minhas mágoas
 Descansa o teu olhar.

Parece-me êste mundo
 Todo um imenso templo!
 O mar já não tem fundo
 E não tem fundo o céu.
 E em tudo o que contemplo,
 O que diviso em tudo
 És tu ... êsse olhar mudo ...
 O mundo és tu ... e eu!

JOÃO DE DEUS

(Séc. XIX)

NA MÃO DE DEUS

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou afinal meu coração;
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais com que se enfeita
A ignorância infantil, despôjo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança em lóbrega jornada
Que a mãe leva no colo agasalhada
É atravessa, sorrindo vagamente,

Seivas, mares, areias do deserto,
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

ANTERO DE QUENTAL

(Séc. XIX)

[GRAÇA DAS FRUTAS]

... Pois o que a bôca trava com surpresas
Senão as frutas tónicas e puras!
Ah! Num jantar de carnes e gorduras
A graça vegetal das sobremesas!

Jack, marujo inglês, tu tens razão
Quando, ancorando em portos como os nossos,
As laranjas com cascas e caroços
Comes com bestial sofreguidão!...

CESARIO VERDE

(Séc. XIX)

SONETO

Não repararam nunca? Pela aldeia,
 Nos fios telegráficos da estrada,
 Cantam as aves desde que o Sol nada,
 E à noite, se faz Sol a Lua cheia.

No entanto, pelo arame que as tenteia,
 Quanta tortura vai numa ânsia alada!
 O Ministro que joga uma cartada,
 Alma que às vezes de Além-Mar anseia:

— Revolução! — Inútil. — Cem feridos,
 Setenta mortos. — Beijo-te! — Perdidos!
 — Emfim feliz! — ? — Desesperado. — Vem!

E as boas aves, bem se importam elas!
 Continuam cantando, tagarelas:
 Assim, António! deves ser também.

ANTONIO NOBRE

(Séc. XIX)

Do Só

[AMOR A PORTUGAL]

Foi por amor de ti, terra formosa,
 Por te amar com tão fundo sentimento,
 Que fui prègador e em prosa
 Fiz meus sermões de Admiração ao vento.

Oh Portugal, florida alpendurada
 Sôbre o mar, coisa saudosa...
 Esta é a Pátria ditosa
 Minha amada, minha amada!

AFONSO LOPES VIEIRA
 (Séc. xx)

Das Ilhas de Bruma
